



***Objetos vivos: materialidade,
transformações culturais e
identidades***

Simpósio

Coordenação

Prof^a Dr^a Fabíola Andréa Silva (LINTT/MAE-USP)

Prof. Dr. Fernando Ozorio de Almeida (UFS)



Objetos vivos: materialidade, transformações culturais e identidades

Data

30/11/2015 a 2/12/2015

Objetos vivos: materialidade, transformações culturais e identidades

*Nas últimas décadas, as reflexões antropológicas e arqueológicas sobre a materialidade têm revelado a complexidade das relações que se estabelecem entre as pessoas e os objetos. Nestas reflexões sobre o modo como as pessoas se relacionam e dão significado ao mundo dos materiais são tratados diferentes aspectos como, por exemplo: **1) a subjetivação dos objetos e a objetificação de pessoas; 2) a vida social dos objetos; 3) a história ou o ciclo de vida dos objetos; 4) as tecnologias de produção e uso dos objetos e os modos de enunciação, transmissão e aquisição desses saberes; 5) a agência dos objetos.** A partir disso, na antropologia amazônica tem se procurado vislumbrar as teorias nativas sobre a materialidade e um aspecto que aparece nesses trabalhos é o caráter transformacional dos objetos e dos corpos nas ontologias ameríndias. Na arqueologia amazônica, por outro lado, tem se procurado entender as correlações entre os objetos e a dinâmica dos processos culturais a partir dos quais as pessoas elaboram, afirmam e negociam suas identidades ao longo do tempo e o que esses trabalhos têm revelado é a complexidade da relação espaço-temporal entre a padronização dos objetos e a definição de fronteiras e interações culturais. Nesta edição de 2015 do simpósio do LINTT que conta com a parceria do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (DA/UFS) pretendemos, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, refletir sobre essas diferentes dimensões de significados dos objetos e, conseqüentemente, da própria noção de materialidade.*

Simpósio

PROGRAMA

30/11/2015 – MANHÃ

09:00h - 09:20h – **Abertura**

09:30h - 11:00h – **Conferência ProfªDrª Brenda Jean Bowser**

11:00h - 12:00h – **Debate**

Materialidade, transformação e reprodução cultural - 30/11/2015 – TARDE

14:00h - 14:40h – *Regina Polo Müller*

14:40h - 15:20h – *Juliana Salles Machado Bueno*

15:20h - 15:40h – **Intervalo**

15:40h - 16:20h – *Eduardo Bespalez*

16:20h - 17:00h – *Daniella Magri Amaral*

17:00h - 18:00h – **Debate**

Materialidade e ontologias ameríndias - 01/12/2015 – MANHÃ

09:00h - 09:40h – *Pedro Cesarino*

09:40h - 10:20h – *Camila Jácome*

10:20h - 10:40h – **Intervalo**

10:40h - 11:20h – *Mariana Cabral*

11:20h - 12:30h – **Debate**

Materialidade, temporalidades e sentidos - 01/12/2015 – TARDE

14:00h - 14:40h – *Lorena Garcia*

14:40h - 15:20h – *Fernando Almeida*

15:20h - 15:40h – **Intervalo**

15:40h - 16:20h – *Márcia Bezerra*

16:20h - 17:00h – *Márcia Arcuri*

17:00h - 18:00h – **Debate**

Materialidade, corpo, pessoa e ação social - 02/12/2015 – MANHÃ

09:00h - 09:40h – *Sylvia Caiuby Novaes*

09:40h - 10:20h – *Cesar Gordon*

10:20h - 10:40h – **Intervalo**

10:40h - 11:20h – *Cristiana Barreto*

11:20h - 12:00h – **Debate**

Materialidade e visualização de modos de fazer, pensar e viver - 02/12/2015 – TARDE

14:00h - 14:40h – *Lúcia Hussak van Velthem*

14:40h - 16:00h – *Lux Vidal*

16:00h - 17:00h – **Debate**

17:00h - 18:00h – **Confraternização**



*Objetos vivos: materialidade,
transformações culturais e
identidades*

Conferências

Brenda Bowser

(California State University, Fullerton)

Etnoarqueologia na Amazônia equatoriana: formas de se compreender materialidade, transformação cultural e identidades

A formação de comunidades indígenas multi-étnicas, dentro do contexto do colonialismo, ocorreu por todas as Américas. O que pode ser compreendido como um processo de incorporação de diversos outros, e uma estratégia utilizada pelos indígenas para a reconstrução de uma nova sociedade para si e suas crianças, em resposta a desalojamentos, violência predatória, queda populacional, visando novas oportunidades de trocas e alianças. Nas nascentes do rio Tigre, na Amazônia Equatoriana, é possível identificar um lugar com essas características, um contexto

dinâmico para a compreensão do significado dos objetos em termos das complexas relações subjacentes à materialidade, lugar, transformação cultural e identidades. Minha proposta, em concordância com os temas propostos por essa conferência, é oferecer a perspectiva de uma pesquisa etnoarqueológica de longa duração, focada nas formas de compreensão de objetos de cerâmica contemporâneos nos assentamentos indígenas nas cabeceiras do rio Tigre, em que territórios indígenas têm integrado, por séculos, falantes de línguas Zaparo, Jívaro, Cocama e Quichua.

Lux Vidal

(Departamento de Antropologia/ Universidade de São Paulo)

Os objetos: visualização de maneiras de pensar, viver e fazer em diversos contextos

A partir da minha experiência e pesquisas entre um povo Jê do Brasil Central, Pará, os Xikrin do Cateté e de povos Carib e Aruak na região do baixo Oiapoque, Amapá, pretendo escolher alguns exemplos que ressaltem o papel da materialidade no processo de construção de identidades (e suas transformações) e como expressão de conhecimentos e valores relativos ao meio ambiente, às relações sociais, à tecnologia e escolhas estéticas, além das dimensões simbólicas e cosmológicas, tanto nos seus aspectos mais tradicionais como contemporâneos.



*Objetos vivos: materialidade,
transformações culturais e
identidades*

Palestras

Fabricação e transformação: os objetos materiais entre os Wayana, norte do Pará

Lúcia Hussak van Velthem

(Pesquisadora Museu Paraense Emílio Goeldi/SCUP-MCTI)

Nas aldeias e comunidades ameríndias os objetos materiais estão inseridos em múltiplas dimensões e sua criação está direcionada para o cumprimento de um papel ativo na vida de seus produtores, para além de sua utilidade prática. Muitos artefatos indígenas influenciam os que os contemplam – nas aldeias ou nas cidades – pois sofrem o impacto de um excesso de presença e, portanto, o visível se prolonga para além dos seus contornos. Nesse momento se constata que tais objetos estão imbuídos de uma presença mais densa e a interrogação que surge já não incide sobre a sua simples representação, mas antes sobre a “presença dessa presença”, que é múltipla e que reflete premissas estéticas, simbólicas, ontológicas de seus produtores. Entre os Wayana – povo Carib do norte amazônico - a complexidade de certos artefatos permite inferir que o poder e a influência que exercem adviriam de sua capacidade de exprimir e conceituar diferentes realidades, pois acolhem e nutrem paradoxos, dissimulando, muitas vezes, o verdadeiro significado da sua representação. Na apresentação serão explorados esses aspectos, em conexão com as concepções de fabricação e de transformação, características fundantes da produção material dos Wayana.

Objeto e materialidade nas ontologias ameríndias

Pedro de Niemeyer Cesarino

(Departamento de Antropologia/ Universidade de São Paulo)

A apresentação tratará dos problemas conceituais gerados pelo uso das noções ocidentais de objeto e materialidade para o estudo das ontologias ameríndias e suas formas expressivas. Em que medida tais noções conseguem lançar perspectivas sobre os modos ameríndios de existência, centrados em dinâmicas de duplicação e de recursividade? Para encaminhar tal reflexão, a apresentação deverá resgatar determinadas matrizes teóricas ocidentais sobre o problema da materialidade (tais como o hilemorfismo e sua revisão filosófica contemporânea ou ainda, as reflexões antropológicas sobre agência) e colocá-las em conexão com outras matrizes levantadas por teorias etnográficas recentes (produzidas entre os marubo, guarani, nambikwara, entre outros). A partir daí tornar-se-á possível rastrear os impasses, os equívocos tradutórios e as alternativas possíveis para o dilema em pauta.

Belo Monte e a aldeia Ita Aka dos Asuriní do Xingu: a construção da casa comunal tradicional e as casas de alvenaria dos “acordos de canteiro”

Regina Polo Müller

(Departamento de Artes Corporais/ Universidade de Campinas/ UNICAMP)

Os Asuriní do Xingu, povo de língua tupi-guarani, vivem às margens do Rio Xingu, na região do estado do Pará onde está sendo construída a UHE Belo Monte. Contatados em 1971, à época da abertura da rodovia Transamazônica, sofreram violento processo de decréscimo populacional devido às doenças contraídas. Hoje, em franca recuperação demográfica, sofrem o impacto não menos violento das transformações socioambientais que vêm ocorrendo com a implantação da grande obra de infraestrutura. As mudanças na ordem sociocultural que já vinham ocorrendo com o contato, foram aceleradas e aprofundadas ao lado de mudanças significativas na economia e nas relações com a sociedade não-indígena.

Padrões de organização social vêm sendo alterados, notadamente na composição das unidades sociais tradicionais e seus assentamentos, caracterizados pela existência da casa comunal que abrigava o grupo local, unidade social autônoma relacionada às demais pelos casamentos e rituais. Nesta casa, enterravam-se os mortos e celebravam-se os principais rituais cosmogônicos Asuriní. Reunidos em torno do Posto Indígena da Funai na década de 70, mais de um grupo local passou a residir conjuntamente, mas em cada aldeamento, desde então (foram 2), formado neste modelo, construiu-se a casa comunal onde passava a morar um dos grupos domésticos. Aos poucos, seu uso como residência foi abandonado e subsistiu como local dos sepultamentos e dos rituais. Sob o impacto de Belo Monte, a aldeia Kwatinemu que reunia toda a população Asurini (cerca de 180 pessoas) foi dividida, e um dos grupos locais remanescentes criou a aldeia Ita Aka.No processo de licenciamento e construção da usina, os povos indígenas da região lançaram mão de estratégias de ocupação da área do empreendimento, para obter o atendimento a reivindicações de seus direitos, materializados, em alguns casos, em bens diversos, entre eles, casas de alvenaria nas aldeias, planejadas para abrigar famílias nucleares. Foram os chamados “acordos de canteiro”que resultavam das negociações entre as lideranças indígenas e representantes do empreendedor(Norte Energia) e governo (Funai e Casa Civil). Os Asuriní se orgulham de ter conquistado a construção de casas de alvenaria mas diante da possibilidade de serem atendidos por um dos programas do Plano Básico Ambiental- Componente Indígena, cuja execução é uma das condicionantes do processo de licenciamento, os habitantes da aldeia Ita Aka solicitaram o apoio à construção da casa comunal tradicional ao lado das casas de alvenaria. Tradicionalmente, na primeira morte de uma pessoa num novo aldeamento, deve-se construir a grande casa comunal para abrigar a sepultura, como ocorreu em Ita Aka. A composição desse aldeamento retrata uma realidade ainda a ser compreendida cujas contradições revelam como os Asurini “elaboram, afirmam e negociam sua identidade”.

Sobre as pedras, o barro e as pessoas entre os Laklãnõ (Xokleng)

Juliana Salles Machado Bueno

(Pós-doutoranda do LINTT/MAE/Universidade de São Paulo)

O que esperar quando os indígenas são arqueólogos? Neste ensaio pretendo analisar de forma conjunta o resultado de uma pesquisa colaborativa e dois trabalhos de conclusão de curso em arqueologia de acadêmicos Laklãnõ (Xokleng) da Licenciatura Intercultural Indígena do sul da Mata Atlântica/ UFSC que focaram no estudo de artefatos líticos e cerâmicos associados ao seu povo. Meu intuito aqui será pensar quais são as dissensões entre o estatuto destes objetos a partir de suas percepções nativas e nossas classificações científicas. Se por um lado a análise da produção indígena dos “antigos” pode ser compreendida a partir de processos de subjetivação comumente atribuídos aos objetos na ontologia ameríndia (como parece também ser o caso entre os Laklãnõ (Xokleng), como podemos entender a produção contemporânea dessa materialidade? Gostaria de refletir aqui também sobre a produção de objetos atrelada à ideia de “tradição” como atualização de um continuum cultural. Trata-se de uma criação de continuidade que pode (e deve) se abrir para incorporar o novo, o outro, e assim se transformar, mas que mantém, ao mesmo, um nexu com o antigo, com o “verdadeiro”.

O artesanato, as festas do dia do índio e da comemoração dos 100 anos, as roupas usadas em desfiles, os objetos expostos em seus espaços culturais reforçam uma intertextualidade do que é ser Laklãnõ (Xokleng) hoje. Neste sentido, devemos entender a produção de objetos/artesanatos como uma forma de resistência, de engajamento com o movimento mais amplo desta população de fortalecimento de sua identidade cultural.

Sexo, drogas e ritual: um estudo sobre as estatuetas da Amazônia antiga

Cristiana Barreto

(Laboratório de Arqueologia dos Trópicos/MAE/Universidade de São Paulo)

Este trabalho parte de uma perspectiva que busca entender as relações entre objetos e pessoas no passado arqueológico de forma a desvendar aspectos das cosmologias nativas, esperando oferecer parâmetros significativos para o mapeamento espaço-temporal das diferentes identidades ou culturas arqueológicas com que lidamos no passado pré-colonial da Amazônia. Mais especificamente, exploramos os significados atribuídos à materialidade de determinados artefatos que retratam ou replicam seres e entidades em formas diminutas, que aqui denominamos estatuetas. Apresentamos resultados de pesquisas comparativas com dois grandes conjuntos de estatuetas do baixo Amazonas, das culturas Marajoara e Santarém.

A partir da observação de como as estatuetas foram feitas, da padronização dos projetos executados, de suas qualidades sensoriais, e dos contextos conhecidos de uso e descarte, procuramos explorar alguns dos princípios que regem noções de corporalidade, de estados alterados, de materialização de entidades, de representação de processos nos objetos, e do ciclo de vida ou agência exercida por estes objetos em contextos rituais.

Sobre o corisco e outras coisas na Amazônia: os objetos do passado como memorabilia das pessoas no presente

Márcia Bezerra

(Docente do PPGArq/Universidade Federal do Pará)

Nas últimas duas décadas, um crescente número de pesquisas tem refletido sobre as concepções locais acerca do repertório material *do passado*. Os estudos têm revelado o rico acervo de elementos que compõem essas percepções e o seu estatuto na constituição do *ethos* contemporâneo da arqueologia. Tais elaborações são derivadas de intrincados e singulares arranjos que revelam a complexidade das relações entre as comunidades moradoras do entorno dos sítios arqueológicos e os objetos ali encontrados. A partir de estudos de caso na Amazônia, discuto sobre a vida social destes objetos, considerando o seu estatuto na construção das narrativas biográficas das pessoas e a sua relevância nas interações com o *presente*.

Estrutura, reprodução e transição: a fluidez das fronteiras no registro arqueológico ameríndio

Márcia Arcuri

(LINTT/MAE/USP/DEMUL/EDTM/ Universidade Federal de Ouro Preto)

Estudos da semântica visual observada em artefatos rituais produzidos nos mais variados contextos da América pré-colonial apontam para a recorrência de elementos alusivos a três conceitos chave às reflexões arqueológicas e antropológicas: *estrutura*, *reprodução* e *transição*. Dentre muitos exemplos que poderiam ser abordados, este trabalho propõe uma discussão sobre a *fractalidade* e o *continuum* dos movimentos de reordenação de fronteiras espaço-temporais presentes no registro arqueológico ameríndio. A ênfase nos limites entre planos, campos, identidades, funções, tempos – ou, mesmo, o limite da própria materialidade dos artefatos – marca, de forma quase sistemática, a ameaça iminente de inversão ou “disjunção”. Entendidas como “lugares-manifestações”, essas fronteiras materializam-se nos artefatos e espaços rituais que conformam as cadeias (re)produtivas voltadas a alimentar, de forma permanente, *multiplicidades ontológicas*. Estrutura, reprodução e transição permeiam, assim, as múltiplas leituras

possíveis da cultura material ameríndia, matéria aqui pensada enquanto registro de longos processos de experiência, interação e manifestação social.

Sobre as ‘tapemberas’: reflexões a partir da experiência arqueológica junto aos Asurini do Xingu

Lorena Garcia

(Doutoranda PPGArq/LINTT/MAE/Universidade de São Paulo)

Tapembera na língua dos Asurini do Xingu significa ‘cacos’ de cerâmica, sejam estes associados aos fragmentos das cerâmicas produzidas pelos Asurini e seus antepassados, ou fragmentos de cerâmicas que os Asurini associam aos seus ancestrais míticos. Do ponto de vista dos Asurini a produção da cerâmica assume a mesma importância que o xamanismo na reprodução e transmissão cultural (Müller, 1990; Silva, 2000). Ao se tornarem fragmentos, os corpos das cerâmicas Asurini perdem a forma, se espalham e se misturam às cerâmicas de seus ancestrais míticos, fazendo emergir narrativas onde fronteiras culturais e temporais que marcam a narrativa arqueológica não existem. A partir do contraste entre essas narrativas (indígenas e arqueológicas) refletirei sobre a minha experiência arqueológica junto aos Asurini do Xingu e sobre o modo como os ‘cacos’ de cerâmica entrelaçam diferentes regimes de historicidade, neste contexto, indissociáveis das paisagens e da formação do território Asurini.

Sobre as coisas dos Karanã: a escolha dos Wajãpi em escavar uma aldeia de inimigos

Mariana Cabral

(Núcleo de Pesquisa Arqueológica/Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá)

Nos últimos anos, tenho participado de um projeto de pesquisa colaborativa com os Wajãpi do Amapá e a antropóloga Dominique T. Gallois que busca criar diálogos em torno dos vestígios do passado. Ao longo do processo, tivemos a oportunidade de realizar uma escavação arqueológica dentro da Terra Indígena Wajãpi, e o sítio escolhido foi uma antiga aldeia dos Karanã (*Karanã Tapererã*), um grupo inimigo possivelmente extinto. Assim como em outras cosmologias ameríndias, para os Wajãpi as coisas mantêm parte do princípio vital de quem as fabricou e utilizou, o que explica a capacidade de agência das tralhas dos mortos. A escolha em escavarmos uma aldeia de inimigos colocou em destaque este papel ativo das coisas antigas sobre a vida contemporânea, tornando aparente uma série de relações entre materialidade e imaterialidade que colocam em xeque a validade destas categorias para o pensamento wajãpi. A partir desta experiência de encontro, proponho discutir as reflexões produzidas pelos Wajãpi sobre as coisas arqueológicas, apontando para a riqueza das percepções que são ativadas para conhecê-las.

“Era tudo nosso”: Arqueologia do Colonialismo na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS

Eduardo Bsepalez

(Departamento de Arqueologia/Universidade Federal de Rondônia)

As relações entre os povos indígenas e as sociedades envolventes de origem europeia foram o tema de estudo da chamada “arqueologia do contato cultural”. Esta, por sua vez, esteve atrelada aos vieses teóricos e metodológicos histórico-culturais e/ou processuais da “arqueologia pré-histórica”, com foco na pressão exercida pelos materiais europeus sobre estas populações e nos pressupostos de assimilação e aculturação dos povos indígenas às sociedades envolventes. Nesse sentido, os povos indígenas foram compreendidos como

agentes passivos, não-sujeitos de sua própria história. No entanto, perspectivas mais recentes, baseadas nos referenciais pós-modernos e pós-coloniais absorvidos pela arqueologia pós-processual, sobretudo no âmbito da etnoarqueologia e da arqueologia histórica, têm criticado os fundamentos conceituais da arqueologia do contato e proposto uma “arqueologia do colonialismo”. Considerando que o contato trata de encontros de curta duração e de relações simétricas entre indígenas e sociedades de origem europeia, a arqueologia do colonialismo sustenta que as mudanças culturais enfrentadas pelos povos indígenas a partir da chegada dos europeus são decorrentes de processos de longa duração e das relações assimétricas entre colonizadores e colonizados. Destarte, sustentando o combate ao colonialismo e a descolonização do conhecimento arqueológico sobre o passado, a arqueologia do colonialismo parte dos pressupostos da arqueologia colaborativa, sobretudo a partir de posturas dialógicas, multivocais e críticas, para empoderar os povos indígenas com recursos simbólicos que possam ser utilizados na legitimação das suas demandas por melhores condições de existência.

A Terra Indígena Lalima, situada em Miranda/MS, no Pantanal, ocupada por índios Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, ente outros, enfrenta uma série de problemas sociais decorrentes do colonialismo. Em termos históricos e culturais, destacam-se as questões geradas através do processo de formação territorial, principalmente a usurpação do território tradicional e a superpopulação.

As pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas realizadas em Lalima resultaram no estudo de contextos arqueológicos associados aos povos indígenas portadores da Tradição Pantanal, Guarani, Guaikuru e Terena, e das informações etnográficas de caráter etno-histórico contidas nas memórias da comunidade, sobretudo em se tratando da dinâmica da paisagem cultural e da história de formação territorial. Isto posto, esta comunicação explora o papel recursivo dos contextos arqueológicos em relação às demandas

territoriais mantidas pela comunidade, com o objetivo de legitimar as reivindicações indígenas através da Arqueologia.

Rachaduras no tempo: as formas do passado no presente segundo os Waiwai

Camila Jácome

*(Doutoranda do PPGArq/MAE/USP/Docente PAA/
Universidade Federal do Oeste do Pará)*

A lógica descartiana e as políticas públicas de proteção ao patrimônio, separam o material e imaterial em duas chaves opostas. No entanto, não cessam os exemplos de relações e manifestações em que as duas categorias são absolutamente indissociadas. Os limites entre o material e o imaterial são tênues ou inexistentes. Essas relações entre materialidade e imaterialidade são observadas nas etnografias que abordam as temporalidades nas sociedades não ocidentais. O xamanismo é uma das formas de evidenciar a continuidade entre o passado e o presente. A cultura material também pode atuar como agente nesse trânsito xamânico, sendo portanto, um irruptor do passado no presente. A reflexão que apresento é fruto de minha pesquisa de mestrado e doutorado na Terra Indígena Trombetas Mapuera, onde vivem diversos grupos étnicos, a maioria falantes de línguas Karib, agrupados sob o etnônimo de Waiwai. Durante esses anos de pesquisa foi possível relacionar diversas situações em que fragmentos arqueológicos, pinturas e gravuras rupestres e as paisagens arqueológicas, aliados ao xamanismo e a festas rituais, atuam como mediadores de rompimento temporal.

Iconografia e oralidade: sobre objetos e pessoa entre os Bororo

Sylvia Caiuby Novaes

(Departamento de Antropologia/Universidade de São Paulo/USP)

O objetivo da apresentação é retomar aspectos da etnografia Bororo que dizem respeito a alguns objetos da cultura material presentes no longo ciclo do funeral Bororo. O foco são objetos que tornam visíveis os vários processos de transformação que se iniciam com a morte de uma pessoa e que permitem melhor entender a própria concepção Bororo de pessoa. A análise incorpora a perspectiva teórica de Ingold, Fortis, Severi, Bateson e Taussig, procurando entender a iconografia e circulação destes objetos, os contextos rituais em que estes objetos tornam-se locutores, os processos de desfiguração e refiguração em que os objetos dizem o homem e fazem falar os heróis míticos e, por meio deles, a concepção Bororo de pessoa. No funeral Bororo vida e morte se entrelaçam para recriar a continuidade por trás de uma descontinuidade dos corpos.

Objetos rituais e ação social entre os Mebêngôkre-Xikrin

Cesar Gordon

(Departamento de Antropologia Cultural/Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Este trabalho procura analisar a importância dos objetos rituais mebêngôkre por meio de um esquema onde se destacam dois vetores de sua ação social, que chamei de 'identificação' e 'alteração'. O primeiro está associado a mecanismos de produção de identidades, de constituição de uma corporalidade e de uma moralidade específicas, que precisam ser partilhadas e reconhecidas coletivamente, estabelecendo os limites internos do modo de vida mebêngôkre. O segundo vetor está associado a um processo de diferenciação, sendo de alguma forma um movimento no sentido inverso ao primeiro: trata-se aqui de evitar a comunização ampla e irrestrita de valores simbólicos, por meio da constituição do extraordinário, do incomum, do belo e do poderoso, que por definição estabelecem os limites externos da vida mebêngôkre. Busca-se portanto demonstrar a centralidade de uma economia política dos objetos para

a compreensão de uma questão sociológica e existencial fundamental, a saber, a tensão constitutiva da sociedade Mebêngôkre entre identidade e diferença.

As diferentes temporalidades históricas na arqueologia dos coletivos indígenas

Fernando Ozorio de Almeida

(Departamento de Arqueologia/Universidade Federal de Sergipe)

Ao trabalhar com longos períodos temporais é natural que a arqueologia direcione o seu foco para processos históricos e culturais de longa duração. Entretanto, tomar esses processos de longa duração como a única possibilidade analítica pode levar a incoerências interpretativas, ou pode simplesmente, excluir eventos chaves para a compreensão da história dos coletivos humanos. Trata-se de uma apropriação indevida da mais longa (estrutural ou *long durée*) das três escalas temporais propostas por Fernand Braudel. Torna-se necessário então a reinserção das demais escalas temporais (conjectural e fatural) nessa abordagem, mesmo que tais escalas sejam de difícil visualização no registro arqueológico. Reatados, os três enfoques cronológicos permitem argumentar que em muitos casos a história dos mais diferentes e distantes coletivos humanos (indígenas ou não) é caracterizada menos por processos lentos e contínuos do que por eventos pulsantes que geram justamente as mudanças que os arqueólogos buscam nos artefatos que estudam. O objetivo dessa apresentação é, a partir de exemplos provenientes de contextos arqueológicos da Amazônia meridional, discutir como eventos de curta e média duração podem ser decisivos para compreendermos as transformações estilísticas nas cerâmicas arqueológicas e, portanto, como tais eventos são fundamentais para interpretarmos as diferentes histórias dos coletivos indígenas.

“Se eu deixar de fazer, isso aqui vai morrer” : a relação entre a loiça de barro e o modo de vida sertanejo

Daniella Magri Amaral

(Doutoranda do PPGArq/LINTT/MAE/Universidade de São Paulo)

Nesta apresentação pretendemos refletir sobre as formas de sociabilidade no agreste central pernambucano, analisando a produção da *loiça de barro* e as relações que se estabelecem entre estes objetos, as *loiceiras* e os demais segmentos sociais da população sertaneja local. Pretendemos discutir, também, como estas formas de sociabilidade ainda são influenciadas e alteradas por preceitos colonialistas. Argumentamos que o processo de desvalorização econômica e cultural das populações sertanejas e, por conseguinte das *loiceiras* e do produto do seu trabalho, a *loiça de barro*, estão inseridos dentro de uma lógica colonialista que associa preconceituosamente as formas de vida tradicionais com pobreza, miséria, rusticidade e sujeira. Tais relações têm contribuído para o desenvolvimento de modificações no conhecimento tradicional envolvido no saber-fazer *loiça de barro*, sobretudo no que concerne a alguns tipos e formas da *loiça*, como reflexo de alterações em muitas das formas de sociabilidade da população local, relegando o conhecimento envolvido no saber-fazer *loiça de barro* ao esquecimento.

Ngôkon - instrumento musical Xikrin-Kayapó
Crédito da foto: Wagner Souza e Silva, acervo MAE



***Objetos vivos: materialidade,
transformações culturais e
identidades***

apoio Institucional:



PROAP-CAPES

